

XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro

## 57. Espaços Urbanos Transnacionais: Fronteiras, Liminaridades e Alteridades

### O legal e o ilegal nas redes cosmopolitas da Praia de Iracema

Jania Perla Diógenes de Aquino

#### Fortaleza: uma cidade turística.

Durante os anos de 1990 e 2000, Fortaleza se consolidou como polo de turismo nacional e internacional. Nos anos de 2004 e 2005, a cidade foi apontada pela *Associação Brasileira de Agências de Viagens-ABAV* como “o destino mais procurado do país”. De acordo com uma pesquisa realizada pelo *site hotel.com*, em 2010, Fortaleza foi a capital da região Nordeste mais visitada por viajantes brasileiros. O mesmo estudo demonstra que no cenário nacional, a cidade ocupou a 4ª colocação, tendo sido precedida somente por Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Além da grande quantidade de turistas oriundos de outros estados do país, Fortaleza vem recebendo uma quantidade maior, em pelo 10% a cada ano, de visitantes estrangeiros.

Matérias de jornal e revistas especializadas costumam atribuir a expansão do turismo na capital do Ceará aos seus 33 km de praia, à temperatura média de 29 graus, à rara incidência de chuvas em todos os meses do ano, bem como aos investimentos públicos e privados que concederam à cidade uma sofisticada estrutura em serviços hoteleiros, gastronômicos e opções de lazer. O fluxo de visitantes se concentra nos trechos da orla marítima correspondentes à Praia do futuro, à Avenida Beira Mar e à Praia de Iracema, regiões equipadas com luxuosos hotéis, restaurantes, lojas e casas noturnas, comportando, ainda, alguns “cartões postais” internacionalmente conhecidos.

A Praia do Futuro é a mais freqüentada durante o dia, sendo a única das praias urbanas do município recomendada para banho pela Secretaria do Meio Ambiente do Ceará-SEMACE, nesta parte da orla estão localizadas incrementadas barracas, tais como a [Crocobeach](#), a [Vira Verão](#), a [América do Sol](#), dentre dezenas de outras. Em 2010, a Secretaria Municipal de Turismo identificou 160 barracas na Praia do Futuro, das quais 120 estavam em funcionamento. Equipados com piscinas, *playgrounds*, espaços para *shows*, além de variadas opções culinárias, alguns destes estabelecimentos constituem modernos centros de lazer.

Nos finais de tardes e inícios de noites, por sua vez, a movimentação dos visitantes ocorre em maior intensidade na Avenida Beira Mar, que se estende do final da Praia de Iracema até o porto



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

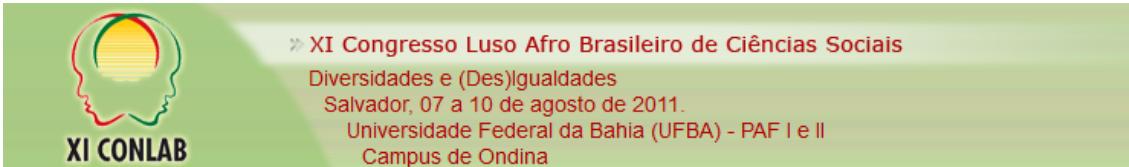
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

do Mucuripe. De um lado da via estão localizados luxuosos imóveis residenciais e hoteleiros, restaurantes, sorveterias, e lojas, no lado oposto foi construído um largo calçadão contornando a praia. Neste calçamento, que abrange um trecho de mais de 3km e é utilizado por moradores para práticas esportivas, também se desenvolvem variadas atividades turísticas, tais como exibição de mágicos e comediantes, uma feira de artesanatos e produtos locais, pequenas barracas de praia e quiosquis onde se vende água de coco, bebidas e frutos do mar. Na extremidade leste do calçadão, na altura do porto do mucuripe, há um espaço onde os turistas compram camarão dos próprios pescadores e pagam uma pequena taxa aos donos de bares barracas das proximidades pelo preparo da iguaria.

Vizinha à Avenida Beira Mar, a Praia de Iracema é o bairro localizado entre o Meireles e o centro da cidade, e que concentra os principais equipamentos de lazer noturno e alguns “cartões postais” como a *Ponte Metálica*, a *Ponte dos Ingleses* e o *Centro Cultural Dragão do Mar de Arte Cultura*. Este último abrange 33 mil metros quadrados de área construída, incluindo espaços como o *Memorial da Cultura Cearense*, o *Museu de Arte Contemporânea*, a *Biblioteca Pública Menezes Pimentel*, um teatro, duas salas de cinema, um *Planetário*, um *anfiteatro*, um auditório e várias salas de aula. Nestes espaços são promovidos cursos, exposições e shows artísticos diversos. O nome *Dragão do mar* homenageia o pescador, personagem da História cearense, também conhecido como Chico da Matilde, que em 1881 se tornou símbolo do movimento abolicionista cearense, recusando-se a transportar escravos para serem vendidos no sul do país.

Além das atividades turísticas disponíveis na cidade de Fortaleza, há variadas opções de pequenas viagens diurnas às praias localizadas nos municípios da região metropolitana, como *Cumbuco*, *Taiba*, *Prainha*, *Iparana*, *Lagoinha*, onde é possível realizar passeios de *bug* e praticar esportes como *kite* e *windsurf*. Na praia do Cumbuco, anualmente, são realizadas etapas dos campeonatos nacional e mundial de *kitesurf*. Esta praia junto com a *Lagoa do Cauipe*, entre os meses de agosto e dezembro, período em que os ventos são mais fortes, recebe competidores, patrocinadores e jornalistas de revistas especializadas em *kite* de vários continentes. Outro ponto, localizado na região metropolitana que atrai visitantes à Fortaleza é o [Beach Park](#). Trata-se de um parque aquático, considerado o maior da América Latina, que recebe uma média de 500 mil visitantes por ano. Também eventos como o *Fortal*, carnaval fora de época que acontece no último final de semana de julho, e o *Ceará Music*, um festival de rock onde se apresentam bandas nacionais e internacionais, também produzem fluxos turísticos na cidade. Além das atrações locais



e das praias localizadas nos municípios da região metropolitana, passam por Fortaleza milhares de pessoas que têm como destino *Canoa Quebrada* e *Jericoacoara*, praias cearenses que se tornaram, internacionalmente conhecidas, nos anos de 1970 e 1980. Estando o único aeroporto internacional do estado localizado na capital, os turistas à caminho de *Jeri* e *Canoa* permanecem em Fortaleza pelo menos um dia ou uma noite.

Verfica-se portanto um conjunto de opções de lazer e contingências que tornam plausíveis às explicações sobre os elevado índices de visitantes Fortaleza. Mas não são só os atrativos mencionados, que dão “o tom” do turismo no litoral do Ceará. Um percentual considerável dos visitantes, sobretudo estrangeiros, tem vindo à Fortaleza para usufruir de serviços sexuais.

Há na uma rede de pessoas, bem como uma estrutura de hospedagem e lazer articuladas em torno da prostituição e do tráfico de drogas, concentrados sobretudo na parte leste da Praia de Iracema. Neste trabalho, pretendo apresentar dados e refletir sobre algumas incursões etnográficas à práticas ilegais ou condenadas pelas moralidades dominantes que se desenvolvem em torno do turismo em Fortaleza.

### **Dilemas e questões no fazer etnográfico**

Supondo que as interseções e alternâncias entre práticas e ocupações lícitas e ilícitas associadas ao turismo em Fortaleza se deixam perceber com alguma nitidez nas atividades noturnas, tenho freqüentado mais a Praia de Iracema. Minhas “investidas” ao campo se iniciaram em outubro de 2010, período considerado pelos empresários e trabalhadores do setor turístico como “alta estação”. Naquelas semanas, havia uma grande quantidade de visitantes na cidade e era diária a ocorrência de shows e festas diversas. No final de janeiro de cada ano se inicia a chamada “baixa estação” em Fortaleza, onde é acentuadamente menor a quantidade de visitantes na cidade, diminui a renda e as ofertas de emprego entre os que se ocupam com o turismo. Tanto na “alta” como na “baixa estação” tenho ido pelo menos duas vezes por semana à Praia de Iracema ou “P.I.”, como dizem seus moradores e freqüentadores assíduos. Nestas “idas a campo” tenho freqüentado vários bares e adentrado festas as mais diversas, onde conheci ou reencontrei pessoas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

As reflexões de Gupta e Ferguson(1997)<sup>1</sup> são profícuas para pensar esta experiência de pesquisa. Em *Anthropological Locations* os autores mencionados chamam a atenção para uma tradição antropológica que, reiteradamente, associa “culturas” a “lugares”. Esta associação tácita viria ter desdobramento no próprio sentido que é atribuído ao trabalho de campo e aos encaminhamentos que são dados às pesquisas. Considerando temáticas e abordagens antropológicas que “resistem” à localização geográfica usualmente operada na disciplina, Gupta e Ferguson colocam em questão a noção de “campo” e chamam a atenção para trabalhos realizados junto a refugiados, habitantes de fronteiras e às populações de gays e lésbicas, dentre outros exemplos apresentados. Tratam-se de problemáticas que desafiam os limites tradicionais do “campo” e levam os autores a indagar se é possível que as pessoas “carreguem suas culturas” nas situações de transições e trânsitos mencionadas ou se “novas culturas” são construídas nestes processos.

Em se tratando do “campo” em pauta neste *paper*, à primeira vista parece reproduzir o modelo antropológico que circunscreve “uma cultura” em “um lugar”. Mas a Praia de Iracema, em larga medida, soma-se aos objetos de estudos elencados por Gupta e Ferguson(2004), desafiadores dos esquemas e concepções que localizam geograficamente culturas. Alguns dos meus interlocutores se referem à P.I. como “esquina do mundo”. Procurando me inteirar sobre a dinâmica do bairro, Charles, um rapaz de 27 anos que trabalha como garçon em restaurante local, me explicou que:

*...aqui passa gente do mundo todo, cada um traz costumes do seu país, da sua cidade, a gente aprende com o turista o turista aprende com gente. Mas muita gente que passa por aqui volta, muita gente fica, muita gente convida a gente pra ir conhecer seu país e a gente vai. É por isso que a gente diz por aqui que a P.I. é uma esquina do mundo. Se a gente pensar bem, Fortaleza toda é uma esquina do mundo, mas a P.I. é quina da esquina.*

Por ser um lugar onde pessoas oriundas de diferentes países e continentes do mundo transitam e interagem com a população local, a P.I constitui um desafio ao trabalho de campo que venho desenvolvendo, largamente pautado no imobilismo do olhar direcionado a um bairro, onde observo e converso com transeuntes, frequentadores, trabalhadores e proprietários de bares e boates. Destes encaminhamentos de pesquisa, emerge indagações como a seguinte: Como pesquisar em repouso um lugar que está em constante movimento, assimilando e importando objetos e comportamentos, aglutinando dinâmicas transnacionais e ensejando deslocamentos simbólicos?

---

<sup>1</sup> GUPTA, Akhil e FERGUSON, James. *Anthropological Locations: Boundaries And Grounds Of A Field Science*. Colifornia University Press 1997



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Outro desafio, que não chega a ser uma estranheza tendo em mente a história recente da antropologia, é o de ser uma antropóloga nativa. Considerando algumas ilegalidades que estou procurando pesquisar, a condição moradora da cidade e o acesso recorrente a notícias de jornais locais que diagnosticam uma “degradação da Praia de Iracema” tendem a me impor algumas percepções e sentimentos “cívicos” que condenam as transformações que tiveram lugar na P.I nas duas últimas décadas, associadas, sobretudo à prostituição e ao tráfico de drogas<sup>2</sup>.

A Praia de Iracema, sobretudo as ruas estreitas próximas à Ponte Metálica, durante as décadas de 1960,70, 80 e 90, figurava no imaginário da classe média e nas narrativas da imprensa local como “recanto boêmio”, “berço cultural da cidade” e “ponto de encontro de intelectuais”. O próprio nome do bairro tem inspiração na literatura brasileira, homenageia a personagem principal do romance mais conhecido do cearense José de Alencar<sup>3</sup>. Iracema, “a virgem dos lábios de mel” teria sido uma guerreira indígena que se apaixonou e se casou com o colonizador português Martim Soares Moreno. Na prosa alencarina, a união de Iracema e Martin resulta no primeiro cearense, Moacir, menino mestiço de branco com índio.

Durante os anos de 1970, algumas construções da Praia de Iracema como o *Estoril*– casarão construído nos anos de 1940 pelos militares norte-americanos que posteriormente foi transformado em um centro cultural, abrigando também um bar e restaurante– se tornaram referências na resistência local à ditadura militar. Tendo sido largamente freqüentado por artistas, militantes e intelectuais de esquerda, o bairro funcionava como ponto de encontro dos boêmios e “juventude politizada” da cidade.

Na década de 1980, a Praia de Iracema foi beneficiada com algumas construções públicas, incentivos a novos empreendimentos e restauração de prédios existentes. Edifícios antigos foram reformados, restaurantes, clubes noturnos e lojas foram abertos. Durante os anos de 1990, momento de considerável expansão do turismo em Fortaleza, o bairro se firmou como principal centro de lazer da cidade, equipado com sofisticados serviços hoteleiros e culinários, comércio de produtos locais, além de atrair uma grande quantidade de artesãos que expunham suas peças no calçadão à beira mar. A maior movimentação de pedestres ocorria nas proximidades da *Ponte Metálica*, onde todos os dias grande quantidade de moradores e turistas assistiam o sol se pôr. Circulavam pessoas de várias faixas etárias. Idosos, crianças e adolescentes enomorados

<sup>2</sup> Embora esteja privilegiando movimentos e dinâmicas associados à prostituição neste *paper*, tenho reunido dados e observações etnográficas sobre venda e consumo de cocaína, maconha crack tanto na parte leste como na parte oeste P.I.

<sup>3</sup> ALENCAR, José. *Iracema*. São Paulo: Editora Moderna, 1995



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

movimentavam as ruas próximas à *Ponte Metálica*. Toda a parte leste do bairro era apontada pela mídia e classe média local como referência em lazer e “atividades culturais” na cidade. Alguns bares como *Kais Bar* e o *Pirata* se tornaram internacionalmente conhecidos.

No início dos anos 2000, duas iniciativas públicas contribuíram para que houvesse transformações no cotidiano do lado leste de Praia de Iracema. Os governos estaduais e municipal empreenderam ações de combate à prostituição na Avenida Beira Mar, localizada no Bairro Meireles, vizinha à Praia de Iracema. Foram fechados boates e bares que não possuíam alvará de funcionamento ou que promoviam a “exploração sexual de menores”. Com isto, uma parte considerável das mulheres que ofereciam serviços sexuais naquela região passaram a atuar nas calçadas e bares da Praia de Iracema. No mesmo período, foi inaugurado o *Centro Cultural Dragão do Mar de Arte e Cultura* e no seu entorno foram “restauradas” várias construções antigas como bares, restaurantes, boates e cafés que entraram em funcionamento. Assim, os moradores, turistas e comerciantes que se sentiam “incomodados” com a presença crescente de prostitutas e visitantes interessados em serviços sexuais nas imediações da *Ponte Metálica*, passaram a freqüentar ou se estabelecer nos espaços de lazer noturno nas proximidades do *Dragão do Mar*.

Ao longo dos anos 2000, a dinâmica do lazer noturno da praia de Iracema sedimentou a divisão entre a parte oeste freqüentada por turistas e moradores que as matérias de jornais locais consideram pessoas de “de bem” ou de “bons costumes” e a parte leste se tornou uma zona de prostituição. Se durante os anos de 1990 e início dos anos 2000, a movimentação dos fins de tarde e a vida noturna se espalhavam por uma extensa faixa do bairro, atualmente o movimento está restrito a três quarteirões, onde se localizam aproximadamente nove boates. Neste trecho mulheres vestidas de minisaias e tops competem na abordagem dos homens que circulam pelas ruas, convidando-os a adentrar às casas noturnas. As demais ruas, a *Ponte Metálica* e o calçadão da P.I. são despovoados a maior parte do tempo. Os policiais que circulam na região recomendam turistas e moradores a não visitarem a *Ponte Metálica* ou circular em suas proximidades depois das 18 horas.

Na condição de moradora de Fortaleza, pude testemunhar esta transformação das dinâmicas de apropriação do espaço na Praia de Iracema. No decênio de 1990 fui uma das crianças que apostava corrida por toda extensão da *Ponte Metálica*. Nos anos seguintes, passei a ouvir na minha casa e na escola freqüentes comentários, que soavam como lamentos, de que a Praia de Iracema havia se tornado um lugar perigoso. Nas versões dos meus familiares, vizinhos e amigos, bem como dos jornalistas que recorrentemente denunciam a disseminação da prostituição e do tráfico



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

de drogas no bairro, o desenvolvimento do turismo sexual na parte leste da P.I. é apresentado como “perda” de um espaço que já foi agradável e convidativo, mas que não é mais possível transitá-lo. Neste sentido, ao desenvolver esta pesquisa, estou procurando contornar a sensação predominante entre os moradores de Fortaleza, de que a *Ponta Metálica* e suas proximidades nos foi subtraída ou se tornou inóspita para “pessoas de bem”.

Conforme mencionei anteriormente, a prostituição, a exploração sexual, o tráfico e o consumo de drogas nas imediações da ponte metálica têm sido recorrentemente noticiados pelos jornais de maior circulação no Ceará, *Diário do Nordeste* e *O Povo*. Misturando “civismo” e “moralismo”, estes veículos de comunicação, apresentam direta ou indiretamente a prefeitura, o governo do estado e as Polícias como negligentes em um passado recente— por terem permitido a “degradação” de um espaço importante para a História da cidade, sobretudo para a “classe média letrada” — e ineficientes no momento atual— uma vez que não conseguem “recuperar” e “devolver” à Praia de Iracema à população.

Também os meios de comunicação de massa de circulação nacional, sediados na região sudeste, tais como a revista *Marie Claire* e o programa *Fantástico* da TV Globo, entre outros, têm abordado o tema da prostituição em Fortaleza. É interessante perceber estes veículos, ao contrário da imprensa local, não ressaltam degradação de um espaço um espaço histórico, mas denunciam as práticas juridicamente enquadradas como “exploração sexual de menores”. Os clientes das menores que oferecem serviços sexuais, junto com proprietários das casas noturnas onde estes “encontros” ocorrem e, até mesmo, os pais de algumas menores são apresentados como infratores dos leis que garantem direitos à criança e ao adolescente, bem os direitos humanos.

Além de me sensibilizar pelos argumentos dos jornalistas “nativos” que lamentam a “profanação” do “berço cultural da cidade”, a auto-imagem de cidadã politicamente correta me suscita indignação diante de algumas situações que presencio no desenvolvimento deste trabalho de campo. Uma noite senti vergonha de ser mulher ao observar um turista da terceira idade, acariciando as nádegas de uma menina raquítica, de aproximadamente 13 anos, que lhe acompanhava em um restaurante. Aquela ocasião não foi a única que aborreceu, mas eu não seria uma pesquisadora se as vozes eloqüentes das moralidades dominantes, que em algumas ocasiões me falam alto, chegassem a me desencorajar na tentativa de acessar as perspectivas de alguns personagens — tais como prostitutas, donos boates, traficantes, assaltantes — a quem vastos segmentos da população cearense, direta ou indiretamente, atribuem “culpa” pelo que tem sido chamado de “degradação” da parte leste da Praia de Iracema.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Sendo assim, esse trabalho procurará se eximir de relatos denunciastas, indignados. Procurarei compreender dinâmicas e forças que movem agentes e atividades turísticas que causam descontentamento aos moradores da cidade, e não são enaltecidos nos discursos dos administradores ou nas narrativas dos meios de comunicação de massa.

### **A face não exaltada do turismo fortalezense.**

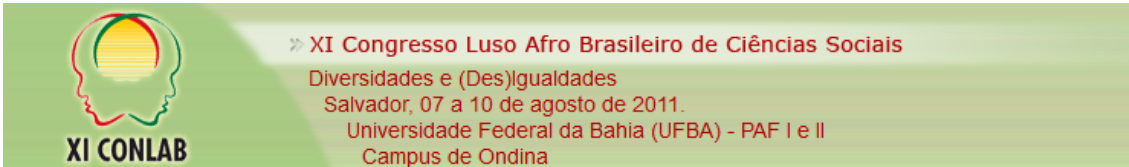
Na cidade de Fortaleza a prostituição está disseminada em vários bairros. Diógenes(2008)<sup>4</sup> identifica dezenas de pontos de prostituição e exploração sexual de menores na cidade, segundo a autora 54,9% das praticas que configuram exploração sexual na cidade são efetuadas por moradores locais. Em segundo lugar, aparecem os turistas estrangeiros com 24,4% de incidência. Na lista de principais exploradores configuram ainda o turista brasileiro, com 12,5%, e o caminhoneiro, com 2.4% das ocorrências.

Embora sejam identificados pontos de prostituição em vários bairros da cidade e seja diversa a lista dos que serviços sexuais, as zonas que ganham mais visibilidade e são mais noticiadas são as que correspondem ao circuito turístico, sobretudo à Praia de Iracema. Neste bairro, a oferta de serviços sexuais por mulheres maiores e menores de idade, bem como por travestis, ocorre tanto nas calçadas das avenidas e ruas do como nas casas noturnas da parte leste como o *Forró Mambo* e o *Café del Mar*. Nestas boates o público feminino é construído quase exclusivamente por prostitutas, sendo que uma parte destas mantêm acordos com os donos dos estabelecimentos e lhes concede uma parte da quantia que recebem por cada programa. Nestes casos, o pagamento às prostitutas podem ser feito em dinheiro em espécie ou cartão de crédito nos estabelecimentos onde a contratação do serviço ocorre. De acordo com uma prostituta de 32 anos que trabalha em uma das calçadas da P.I., na maior parte das vezes, o contato entre os turistas e as garotas de programas dura apenas algumas dezenas de minutos, mas alguns clientes as contratam para atendê-los durante todo o período em que permanece em Fortaleza, inclusive, para acompanhá-los em viagens a outras praias do litoral cearense.

Além das possibilidades de negociar serviços sexuais durante a estadia na cidade, uma parte dos turistas que vêm a Fortaleza recorrem sites que oferecem um conjunto de pacotes que envolvem festas e serviços sexuais. Visualizando fotografias de várias garotas, o cliente pode escolher uma

---

<sup>4</sup> DIÓGENES, Glória. *Os Sete Sentimentos Capitais*. São Paulo: Annablume, 2008



acompanhante antes de seguir viagem. Um pacote que ganha destaque em vários sites são os chamados *no-stop party*. Este conjunto de serviços abrange hospedagem e sexo a qualquer hora com qualquer uma das garotas que trabalham nestas pousada. Estas “agências” também organizam pequenos passeios que envolvem atividades sexuais para motivar ou recompensar seus clientes, dependendo da duração de sua estadia na cidade, o turista pode se ganhar como brinde "um dia inteiro com duas mulheres".

É importante ressaltar que a prostituição de pessoas acima de 18 anos não é ilegal, mas a etnografia que venho desenvolvendo tem me levado a perceber um conjunto de ilegalidades que dependem ou se associam a prostituição. Não raro prostitutas maiores de idade escolhem como acompanhantes adolescentes. Acreditando que meninas de 12 a 15 atraem clientes com maior facilidade, estas mulheres acreditam que a companhia destas adolescentes podem lhe render uma quantidade maior de “programas” por noite. Nestes casos, as prostitutas de maiores, podem ser indiciada por “aliciamento de menores” e os clientes das adolescentes por “exploração sexual de menores”. Atitudes consideradas aliciamento são recorrentes por múltiplos personagens, irmãs mais velhas, donos de boates, garçons, bem como taxistas, que funcionam como intermediário entre moças menores de idade e seus clientes. Não raro se verifica suborno de recepcionistas e porteiros de hotéis, pousadas e motéis para permitirem a entrada de menores nestes estabelecimentos.

A fala de alguns dos meus interlocutores de campo que cotidianamente cometem o que a linguagem judiciária denomina “aliciamento de menores” revelam que parte dos trabalhadores e frequentadores da P.I não consideram um ato de “maldade” entrar em contato com mulheres maiores e menores de idade. A percepção geral é que estão dando a estas moças a oportunidade de ganhar dinheiro e tomar vários *drinks* de graça, se elas tiverem sorte, podem mesmo conseguir namorar ou casar com um dos seus clientes.

Uma menina de quatorze anos com quem conversei rapidamente no *Forro Mambo* garantiu que a oferta de serviços sexuais é um *trampo legal*, além do valor que cobra por cada programa ela ressaltou que sempre consegue “beber de graça” e por vezes jantar em restaurante sofisticados em companhia de seus clientes, também ganha roupas e sapatos. Sua meta é conseguir conquistar um europeu e ir morar no país dele, mas enquanto um relacionamento mais duradouro não ocorre, ela disse que “está feliz” fazendo programas e que se diverte muito todas as noites.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Além de recorrentemente estar associada aos crimes de aliciamento e exploração sexual de menores, a prostituição na Praia de Iracema envolve um mercado informal de segurança privada. As mulheres que “trabalham” nas calçadas do bairro pagam regularmente a taxistas e seguranças de condômnios para que se encarreguem de afastar assaltantes do local, bem como de expulsar outras prostitutas que queiram “trabalhar” na mesma calçada.

Por vezes seguranças de boates, de condomínios, taxistas e garçons se aliam a prostitutas para aplicar o conhecido golpe “boa noite cinderelada”, que consiste fazer o turista ingerir algumas porções de rupinol que são colocadas em sua bebida. Em alguns casos, o turista desmaia no seu quarto de hotel e a garota de programa auxiliada por um taxista que a espera na recepção subtrai dinheiro e eventuais jóias da vítima.

Tenho observado que personagens como taxistas, recepcionistas de hotéis e pousadas, seguranças de condômnio e boates e até mesmo comerciantes do bairro são personagens sem os quais práticas ilegais tais como o aliciamento e a exploração sexual de menores, a exploração prostituição e o tráfico de drogas não estariam disseminados naquela parte da cidade. De acordo com Salviano Régis, um taxista que trabalha na Avenida Beira Mar, “em uma cidade onde os turista vem se drogar e comer puta um trablhador que não o conhece puta, nem traficantes não ganha dinheiro”. A fala do meu interlocutor ilustra a percepção de uma parte dos trabalhadores da Praia de Iracema. Há evidências de que a prostituição e o tráfico figuram como seriviços já se integram às dinâmicas do turismo da cidade. Assim como resulta em comissões a taxistas, garçons e recepcionistas de hotéis intermediar o contato entre turistas e profissionais, cujos serviços são legalizados como bugueiros, donos de barracas de praia, instrutores de *surf*, *windsurf* e *kitesurf*, também lhes rende dividendos apresentar seus clientes a prostitutas e traficantes. Por vezes, as prostitutas não retribuem as indicações do seu seriviço por taxistas e garçons com comissões, mas com indicações similares, indicando determinados taxistas e restaurantes aos seus clientes.

Verifica-se uma complexa rede de negociações e trocas de favores entre profissionais, cujos serviços lícitos ou ilícitos são direcionados ao turismo. No intuito de evidenciar como tantas intersecções e alternâncias entre práticas legais e ilegais ocorrem no cotidiano da Praia de Iracema, vou discorrer sobre práticas e vicências de algumas pessoas que conheci ou reencontrei no desenvolvimento da pesquisa em pauta.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

### **Mula do tráfico.**

Conheci Luciana há quatro anos em uma praia do litoral cearense. Ela era funcionária de uma luxuosa pousada no vilarejo. Fomos apresentadas por um amigo em comum, o Jesualdo, gerente de uma barraca na praia onde eu tomava sol todos os dias. Simpatizei com Luciana porque ela era solícita e extrovertida. Naquelas férias convivemos bastante na praia e fomos há várias festas juntas. Desde 2007 não tínhamos nos encontrado mais, até que em novembro de 2010 eu a vi em uma boate na parte leste da P.I.

Quando a vi, não cogitei a possibilidade de não cumprimentá-la e ela, apesar da surpresa de termos nos encontrarmos naquele lugar, lembrou-se instantaneamente de que éramos antigas conhecidas. Na ocasião, Luciana acompanhava dois hóspedes do hotel, localizado na Avenida Beira Mar, onde ela trabalha atualmente. Depois daquele dia nos encontramos no mesmo local várias vezes, ela está sempre acompanhada de estrangeiros e depois que consegue negociar com garotas programas preços “camaradas” para seus colegas de balada, ela me procura e nós conversávamos bastante.

Quando contei que estava pesquisando as atividades turísticas do lado leste da P.I., ela disse que eu não tinha idéia do que acontecia por ali. Concordei que talvez não tivesse mesmo idéia, mas tinha algumas suposições. Depois que garanti não publicar informações que pudesse comprometê-la, Luciana disse que me ajudar nessa pesquisa seria muito divertido. Sua única reivindicação foi que o meu trabalho não atrapalhasse “os trabalhos” dela. Assegurei que ela podia confiar em mim e, desde então, Luciana tem me apresentado a várias garotas de programa, donos de bares e restaurantes, e comerciantes que além das atividades legais traficam cocaína. Certamente, em poucas semanas, eu não teria conseguido me aproximar dessas pessoas e não fosse por uma “amiga” em comum.

As narrativas da própria Luciana acerca de seu trânsito entre atividades lícitas e ilícitas evidencia a recorrência com que este fluxos ocorrem entre trabalhadores e empresários do turismo na Praia de Iracema. Minha interlocutora é graduada em turismo, fala fluentemente inglês e espanhol. A remuneração de R\$ 1.800 mensais que recebe por seu emprego de 30 horas semanais em um hotel 4 estrelas de Fortaleza, segundo ela, não é suficiente para cobrir seus gastos. A parte que lhe cabe no aluguel de um apartamento que divide com duas amigas há uma quadra do mar consome metade do seu salário.

Para ter condições de usar com roupas de grife, sapatos, perfume, “baladas”, maconha e cocaína, Luciana faz “bicos” os mais variados. A maior parte destes são possibilitados por “contatos” que ela faz no hotel. Sempre que tem oportunidade ela acompanha hóspedes estrangeiros do hotel onde



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

trabalha em atividades noturnas como festas e jantares. Embora algumas vezes cobre para ter relações sexuais com alguns homens, Luciana não se considera uma garota de programa, em seu cotidiano de recepcionista ela costuma receber gorjetas de R\$ 50 a R\$ 100 reais para promover encontros de turistas com mulheres da cidade, moças com mais e menos que 18 anos.

Quando perguntei se ela não tinha remorso de “aliciar” menores, Luciana afirmou que não considera “errada” sua atitude, um de seus argumentos é o de que as menores, que são consideradas vítimas pelo código penal e por militantes de ONGs e ou funcionários de órgãos públicos que defendem o estatuto da criança e do adolescente, não são ingênuas. Minha interlocutora questiona a generalização operada pela lei que considera crime o consumo de serviços sexuais ofertado por menores de 18 anos. De acordo com Luciana, as adolescentes que se prostituem têm mais “experiência” e são mais “espertas” do que mulheres com 20 e 30 que ela conhece. Vejamos uma parte de sua fala que consegui anotar:

*Essas meninas sabem muito mais da vida do que patricinhas de 28,30 anos. Elas não tem a fantasia que aqui é um parquinho, ninguém vem aqui para brincar. Ninguém vem aqui pensando achar o amor da sua vida não. Elas vem para os inferninhos para ganhar dinheiro, cheirar pó e beber de graça. Uma noite eu vi aqui uma, que tem uns 14 anos, aplicando um boa noite cinderela em um gringo. Um amigo meu daqui, disse que na temporada passada tava todo mundo chamando ela de gripe suína, porque toda noite ela derrubava um bocado de gringo e saqueava o dinheiro dos caras.*

Além de apresentar mulheres da cidade a alguns hóspedes do hotel, Luciana cobra propina para burlar o regulamento do estabelecimento, permitindo o acesso de garotas de programa aos quartos dos seus clientes.

Quando suas dívidas aumentam, a própria Luciana se prostitui. Suas tarifas são flexíveis: dos homens que ele acredita ter mais dinheiro o valor de uma hora é 400 reais, já os que dispõem de menos recursos conseguem sair com ela por 200. Sua rotina na chamada “alta estação” é movimentada, muitos jantares e festas, sendo que em alguns meses Luciana consegue arrecadar R\$ até 4.000 com “bicos”. Desde 2009, na “baixa estação” ela tem dividido suas férias em dois períodos de 15 dias, geralmente as duas primeiras semanas de março e a terceira e a quarta semana de abril. Estes intervalos de tempo são dedicados a viagens internacionais, nas quais Luciana transporta, em seu estômago, cocaína para Europa e Estados Unidos. O preço corrente de cada uma dessas viagens é 15.000, mas Luciana, por ser uma “mula” que fala inglês e espanhol, de pele clara e olhos azuis, cobra dos traficantes valores entre R\$ 20.000 e 30.000 por cada trecho. Ele me disse



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

que, nestas ocasiões, costuma embarcar vestindo roupas formais e procura se fazer parecer uma executiva, quase sempre opta por *tailleur* e salto alto. Foi com dinheiro oriundo destas transações que Luciana conseguiu comprar o seu carro e quitar o imóvel onde mora seus pais residem, em um bairro de classe média de Fortaleza.

### **Um garçon muito descolado**

Sandro, eu conheci em uma noite que cheguei cedo na P.I., por volta das 21 horas. Estava circulando próximo à *Ponte Metálica*, observava um grupo de duas pessoas residentes em Fortaleza, acompanhados de um casal do Rio Grande do Sul. Os moradores da cidade explicavam aos visitantes que àquela região “no passado” foi “bem freqüentada”, mas nos dias atuais é um “puteiro”. Enquanto procurava ouvir detalhes da conversa fui abordada por Sandro que me orientou a seguir na direção do *Forró Mambo*, pois naquele trecho eu estava vulnerável a assaltantes. Perguntei se ele conhecia bem “o movimento” na região e ele me informou que trabalhava em um restaurante há três quadras de onde estávamos. No intuito de torná-lo meu colaborador de pesquisa fui no jantar no seu local de trabalho. Pude perceber sua curiosidade sobre os motivos de eu estar ali.

Alguns dias depois, Sandro me disse ter pensado que eu fosse uma agente da Polícia Federal. Depois de ter me visto conversando com Luciana uma noite antes, suas desconfianças teriam sido amenizadas e ele quis saber detalhes sobre a minha pesquisa. Nesta conversa, contei a ele também sobre uma pesquisa que desenvolvi junto a praticantes de assaltos contra bancos, carros-fortes e empresas de grandes valores, Sandro ficou entusiasmado ao ouvir minhas narrativas e perguntou várias vezes porque tantos assaltantes tinham confiado no meu silêncio sobre suas práticas e identidades. Procurei explicá-lo que não estava interessada em revelar nomes de pessoas, mas em compreender suas ações, rotinas e narrativas. Uma ou duas semanas depois que tivemos esta conversa, Sandro me encontrou no *Forró Mambo* e disse que tinha me “dado um Google” – estava querendo dizer que digitou o meu nome no mencionado buscador digital – e que conseguiu checar informações sobre meu trabalho. Eu falei que não estava aborrecida com suas suspeitas e que esperava que ele me considerasse mais confiável no futuro. Ele respondeu que já me considerava confiável no presente e que gostaria de fazer algumas confidências em um lugar mais silencioso. Saímos da boate e nos sentamos em uma calçada, próximos a um vendedor de cachorro-quente.

Sandro me contou que além do salário e das gorjetas que recebe como garçon, também coloca em prática outras formas de ganhar dinheiro, uma delas é o golpe “boa noite cinderela”.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

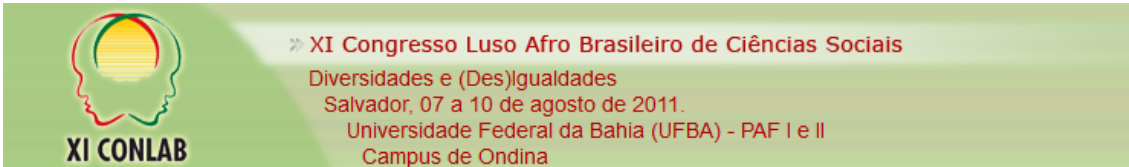
Sandro tem parcerias com algumas garotas de programa atuantes na parte leste da P.I.. Estas moças atraem suas “presas” para jantares e *drinks* no restaurante onde trabalha meu interlocutor. Ele machuca várias cápsulas de “rupinol” até transformá-las em um pó branco e sorrateiramente insere nos copos e garrafas das pessoas da pessoa que vai ser sedada. Se o turista consegue resistir pelo menos meia hora, antes de ficarem desacordados, as prostitutas conseguem acompanhá-lo até seu local de hospedagem e furtar objetos de valor em seu quarto, outras vezes o desmaio é imediato e só é possível subtrair a carteira e eventualmente, relógios.

Antes dele mesmo me contar eu já tinha ficado sabendo por um vendedor ambulante de balas e cigarros que Sandro é garoto se prostitui e sua clientela é quase exclusivamente masculina. Depois de várias conversas, eu tive coragem de lhe perguntar sobre este assunto. Ele inicialmente foi reticente, mas quando percebeu que eu já sabia, decidiu me contar detalhes sobre os “programas” que faz. Segundo Sandro, seu ingresso na prostituição ocorreu no período em esteve em Barcelona, cidade onde residiu por dois anos sem ter visto permanente. Ele assegura que só voltou para o Ceará porque foi deportado. No período que viveu na Espanha, sem conseguir encontrar empregos fixos, meu interlocutor teria recorrido à prostituição como meio de sobrevivência. Ele me disse que as primeiras vezes em que fez sexo com outros homens sentiu nojo, mas como outras garotas de programa com quem tenho conversado, Sandro enfatiza que a duração do encontro não costuma ultrapassar quarenta minutos e que o valor recebido é satisfatório. Ele prefere ter como clientes os turistas estrangeiros porque pagam mais caro e, não residindo em Fortaleza, facilitam a manutenção do sigilo por meu interlocutor sobre esta atividade que ele desenvolve com recorrência na “alta estação”.

### **O playboy traficante.**

Antes de me apresentar a Roberto, Luciana não poupou elogios ao rapaz que ela considera “lindo e interessante”. Com 32 anos, Roberto faz o tipo “sarado” ou “garotão da academia”. Já tendo residido em Miami e no Rio de Janeiro, ele também se diz um “cara descolado e rodado”.

Roberto é sócio de uma loja de roupas esportivas em um shopping Center da cidade e de um restaurante na Praia de Iracema. Consumidor esporádico de cocaína, ele conhece vários traficantes. Além dos negócios legais, Roberto também vende maconha, cocaína e crack. Sua clientela abrange turistas e moradores da cidade. Ele evita portar drogas em grandes quantidades e quase sempre



deixa nas mãos de alguns amigos, que mediante remuneração se encarregam de fazer a entrega da mercadoria em diversos bairros de Fortaleza.

Outra atividade desenvolvida por Roberto é o contrabando de mercadorias. Ele faz uma média de 3 ou 4 viagens internacionais por ano com destino à Cidade no Leste, no Paraguai e à Miami, nos Estados Unidos. Meu interlocutor compra perfumes, roupas, relógios e câmeras fotográficas. Quando vai a Miami, ele corre mais riscos de ser preso porque traz mercadorias em sua bagagem. Já as compras que faz no Paraguai, que envolvem um investimento maior, Roberto paga a “atravessadores”: pessoas que tem acordos ilegais com os fiscais da Receita Federal na Ponte da Amizade, que interliga a cidade de Foz do Iguaçu à Cidade do Leste.

Estes objetos que adentram ao país, de maneira ilegal, são vendidos em suas lojas. Uma parte das mercadorias são trazidas como encomendas para seus fregueses mais antigos. Já o presenciei fazendo entregas de perfume importados a prostitutas, garçonetes e proprietários de lojas na P.I.. Dentre seus vários investimentos e negócios, a venda de drogas não é do conhecimento de seus familiares e de uma parte de seus amigos, Roberto acredita que seria recriminado e até denunciado se todos soubessem que ele também é um traficante. No entanto, seus pais, irmãos, primos e demais pessoas de quem meu interlocutor se considera próximo sabe, que ele faz contrabando de mercadorias e não o condenam por esta atividade.

Apesar das várias atividades ilegais que desenvolve, Roberto não tem nenhuma passagem pela Polícia. Ele é o único entre seus irmãos que não cursou ensino superior, mas não é criticado por isso. Ouvi Pedro, seu irmão mais velho afirmar que a falta de vontade de estudar em Roberto é compensada por sua habilidade em “ganhar dinheiro”. Ele afirmou que considera o irmão um “artista da sobrevivência” porque quando um negócio deixa de ser lucrativo, meu interlocutor imediatamente investe em outro ramo para compensar prejuízos e, assim, vai intercambiando ganhos e perdas em diferentes negócios: “tirando de um para botar no outro” e “nunca fica no aperto”. Embora ciente de que Roberto importa ilegalmente mercadorias do Paraguai e dos EUA, Pedro o elogia, dando ênfase a sua criatividade e capacidade de superar instabilidades do mundo do comércio.

### **Considerações Gerais**

Nas narrativas e posicionamentos de pessoas que transitam entre atividades e afazeres lícitas e ilícitas, que tenho conhecido na parte leste da Praia de Iracema, não percebo ser dada relevância moral ao grande divisor “legal” e “ilegal”. Não são apresentadas como mais nobres ou recomendáveis as atividades que desenvolvem “dentro da lei”.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

A grande divisão que percebo ter impacto no cotidiano destes personagens é a passagem da “alta estação”, também chamada de “temporada” para a “baixa estação”. O adjetivo “baixa” entre estas pessoas tem uma forte dimensão metonímica e corresponde a uma pluralidade situações tidas como negativas. Na “alta estação” ou “temporada” os trabalhadores da P.I. se dizem felizes, ganham dinheiro, quase todas as noites conseguem se divertir e “beber de graça”. Por sua vez, na “baixa estação”, período geralmente abreviado em suas falas como “a baixa”, envolve dificuldades em várias esferas de suas vidas, correspondendo à “baixa renda”, “baixa frequência em festas”, “baixa quantidade de clientes”, “baixo astral”.

Uma característica recorrente na biografia destas pessoas são as viagens internacionais, são raras as prostitutas, garçons e comerciantes que não residiram ou permaneceram por breves períodos no exterior, principalmente na Europa, e estas experiências, vez por outra, são acionadas como distintivos quando se afirmam “descolados”. Tanto em decorrência das incursões ao exterior, como pelo convívio cotidiano com clientes estrangeiros, é recorrente que estes personagens, a maioria semi-analfabetos, tenham um domínio razoável das línguas italiana e inglesa.

Ainda sobre o trânsito que operam entre atividades “dentro” e “fora da lei”, é preciso ressaltar que não se trata de um uso proposital das atividades lícitas como um tipo de “fachada” para acobertar atividades ilícitas mais lucrativas. Geralmente este trânsito é uma forma de “aproveitar todas as oportunidades” de ganhar dinheiro e de usufruir do que consideram “viver bem” – condição que para uma parte dessas pessoas corresponde a morar perto do mar, vestir roupas de grife, fazer sexo e consumir substâncias psicoativas com frequência – sem levar em conta grande divisores jurídicos ou imperativos que emanam dos regimes de moralidades dominantes, tais como legal e ilegal, mundo e sub-mundo.